

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO¹

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes²
Universidade Federal do Paraná
Professor de Ciências Sociais
pedrobode@terra.com.br

Marcelo Bordin³
Universidade Federal do Paraná
Pesquisador Voluntário
marcelobordin05@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho busca compreender a percepção dos agentes da Guarda Municipal de Curitiba no tocante às mudanças que estão ocorrendo no campo da segurança pública em todo o Brasil. Com o crescimento do número de instituições denominadas Guardas Municipais no Brasil e a sua utilização como “força policial” na repressão ao crime e a violência, em especial no cotidiano das grandes cidades aliada a falta de uma legislação a nível constitucional que estabeleça as delimitações da atuação, criando uma espécie de “limbo” legal e que não deixa de forma clara a real função das guardas municipais.

Palavras-chave: Guarda Municipal; Cidade de Curitiba; Agente da Guarda Municipal; Segurança Pública; Polícia.

INTRODUÇÃO

A Guarda Municipal de Curitiba, Paraná, juntamente com a Coordenadoria Técnica de Defesa Civil, é parte da Secretaria Municipal de Defesa Social. Partindo da forma de estruturação da Guarda Municipal resolvemos privilegiar a formação dos grupos focais segundo os Níveis existentes que são em número de três: a) o Nível 1, o mais numeroso com aproximadamente 1186 GMs, formam segundo expressão dos próprios GMs a “barnabezada”, ou seja, a base que presta todo tipo de serviço; b) o Nível 2 com 54 indivíduos, compondo um grupo intermediário⁴ e c) o Nível 3 composto por apenas 27 GMs e de onde saem aqueles que comporão os cargos de direção e gestão da GM⁵. Resolvemos que faríamos quatro grupos com nível 1, e um grupo com os níveis 2 e 3. Como foi acordado que seria importante um corte de gênero resolvemos também que faríamos dois grupos focais exclusivamente com mulheres, que somam 118 GMs, uma vez que

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

nos outros grupos focais acolheríamos quem fosse indicado indistintamente. Ficou resolvido, ainda, que seriam formados dois grupos focais com o chamado Quadro Especial, formados pelos antigos Guardiões, núcleo inicial donde derivou a formação da GM. Os formadores do quadro especial são aqueles que não quiseram ou não puderam ascender, via concurso, a classificação de cargos que foi criada depois de 1988. Os membros do quadro especial são tratados de forma pejorativa como Guardiões e pudemos ouvir um GM brincando ou criticando de forma mais séria um colega com a frase “tá virado em guardião”. Como podemos observar durante os grupos focais os membros do quadro especial, de maneira geral, é composto por indivíduos que ficaram muito pouco a vontade sendo muito econômicos em suas falas. Mesmos quando instados a se pronunciar alguns deles falaram o estritamente necessário e pelo menos um deles demonstrou ser analfabeto funcional.

Inicialmente havíamos pensado em formar grupos focais pelas divisões funcionais no interior da GM que estão subdivididos nos seguintes *pelotões*: Escolar, Proteção ao Transporte Coletivo, Proteção Patrimonial e Proteção Ambiental. Todavia, esta divisão se mostrou pouco rentável porque ela não é condizente com um sentimento de identificação com o pelotão, além do fato dos GMs serem, com

frequência, transferidos de um pelotão para outro.

Resolvemos ainda que entregaríamos um questionário a ser preenchido pelos GMs que participassem dos grupos focais de maneira que pudéssemos estabelecer informações básicas sobre eles, tais como idade, cor, formação escolar, etc. Sabemos que não estamos constituindo uma *amostra* estatística mas nos permite qualificar melhor os indivíduos/grupos que participaram dos grupos focais.

O roteiro de entrevista utilizado será o fio condutor da análise das entrevistas. Destacamos desde já que como uma das preocupações gerais da pesquisa é dos efeitos da visão e prática geral que entende a segurança pública de forma militarizada colocamos como última pergunta a seguinte questão:

Vocês gostariam de falar sobre algum outro assunto? (ver se a questão da militarização da GM aparece, se não aparecer explorar, levantar a questão: se há formação militar, o que acham disso etc. Há diferenças entre os que têm formação militar e os que tem formação civil – envolvimento e desvio) Alguma consideração final sobre as perguntas?

A ideia era tentar estabelecer se existia diferença entre aqueles guardas que foram formados na Academia da Polícia

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

Militar e os que foram formados na polícia civil ou ainda que tenham passado pelas forças armadas ou que tivessem sido policial militar.

O que ocorreu, como veremos a seguir, é que a questão da militarização foi um elemento distintivo permanentemente invocado pela GM da cidade de Curitiba. A propósito, quando logo na primeira conversa anunciamos que pretendíamos fazer algumas entrevistas com a GM de Foz de Iguaçu, Paraná, ouvimos dos Inspectores com os quais conversávamos destacaram imediatamente a diferença: “a de Foz é muito militarizada, nós não concordamos com isto”.

OS GUARDAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE CURITIBA

Como havíamos informado anteriormente o guia condutor na discussão sobre identidade, representações e expectativas dos e entre os GMs da cidade de Curitiba será o roteiro de entrevista, por intermédio dele pretendemos estabelecer basicamente: a) os motivos da escolha pela carreira e a satisfação ou insatisfação no exercício da função; b) percepção da função e do papel do GM para a cidade e no contexto da segurança pública; c) percepção

da maneira como são vistos por setores da sociedade e pela outras polícias; d) discussão sobre a militarização da segurança pública.

Consideramos que os motivos da escolha da carreira seja um dos mais importantes elementos que podemos obter da pesquisa uma vez que, como observaremos, os motivos desta escolha são fundamentais quando os GMs estabelecem uma narrativa a respeito de suas trajetórias. Sejam quais forem os motivos de entrada, se se sentem ou não realizados com as atividades inerentes a sua condição de GM e com a carreira, assim como suas expectativas de futuro. Por este motivo nos deteremos mais neste item do que nos outro.

Os motivos que apareceram em todos os grupos focais foram basicamente três: a) necessidade de trabalho; b) necessidade de estabilidade e; c) vocação, por vezes, aparecendo um cruzamento entre os três motivos, ou seja, a possibilidade de um trabalho estável e a oportunidade surgida fez com que alguns indivíduos descobrissem suas vocações. Outras vezes os motivos apareceram isolados, a saber, foi a oportunidade de trabalho que se destacou em meio a outros, não obstante não fosse exatamente o que indivíduo esperava segundo suas avaliações posteriores; destacou-se, ainda, a procura por um

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

emprego estável; algumas outras vezes, trabalhar na área de segurança pública apareceu como a realização de um *sonho*.

A falta de trabalho mais a busca por um trabalho/emprego estável foi um elemento recorrentemente invocado, como podemos observar:

Bom, eu na verdade foi porque eu tava sem trabalho, tava sem trabalho, mas sempre acompanhando lá concursos públicos, o primeiro que apareceu fui lá e meti a cara. Acabou dando certo e faz 12 anos já. (GN1-1)

(...) também tava trabalhando em empresa privada e hoje em dia concurso público acho que é sonho de todo mundo. (GN1-2)

No meu caso eu sou primeira turma. Eu não sabia o que era, nem como era, porque você vai por um concurso público. Então a partir do momento que nós.....passei pelo concurso, eu ainda não sabia o que aconteceu, o que é que eu ia fazer. (GN1-3)

GM – É, eu fui buscar o início no serviço público, assim, mais pela estabilidade....salário e....tipo, era um...entre um serviço público, assim, era o que mais, tipo, mais eu se enquadrava dentro, assim. Então, minha opção foi por isso. (GN1-4)

É...no meu caso também seria uma oportunidade de emprego, né. É... eu havia feito um outro concurso da prefeitura que era assistente de administração, do qual não fui chamada, e daí surgiu então esse concurso pra guarda, era a primeira turma, não havia noção do que exatamente seria essa atividade de Guarda Municipal, que no início também não era chamada de Guarda Municipal....é....então foi mais essa motivação de emprego, né, por eu já estar prestando concurso público. (GN2)

Eu... foi uma questão de estabilidade, salário melhor, trabalhava já sete anos em

um escritório e não tinha, assim, perspectivas de melhora. E surgiu essa oportunidade de concurso público, já tinha feito outros na época, nesse eu passei. Mas não era assim meu objetivo ser guarda municipal, foi mais uma consequência. (GN2)

O que não aparece de forma muito diferente entre os grupos femininos:

É, porque quando eu fiz concurso na Guarda eu não sabia nem como que era o trabalho da Guarda. Sabia que saiu um concurso público, primeiro concurso, então saiu concurso público, eu trabalhava na prefeitura, e... como era um projeto ainda né, então, a gente não tinha muita certeza como que se trabalha. (GF-2)

Restam os casos em que a ida para a GM é vista mesma como um rebaixamento ao qual o entrevistado se *assujeitou*:

Não, não. Lá fora. E.... no decorrer da idade minha, no caso, eu já não achava na minha área de contabilidade. Daí surgiu esse concurso pra guardião, eu não querendo fazer, eu não vou rebaixar carteira, mas daí eles falaram “não, isso aí não é... não tem carteira assinada nada”. Que na minha carteira profissional tudo é.... tudo contabilidade, assim né, auxiliar de contabilidade, chefe de almoxarifado, tudo assim, né. Daí não vou me rebaixar, daí o colega também que era bancário nessa época, não achava emprego de jeito nenhum né. Daí chegou..... assujeitei, vamo fazer o concurso, fomo, e há 17 anos to aí. (QE1)

Assim como aqueles para o qual a ida para a GM significou um melhora significativa na sua qualidade de vida:

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

O serviço da lavoura é muito pesado. Depois quando eu entrei trabalhar no (?) também, ali eu carregava caminhão o dia inteiro, carregava e descarregava. Daí os colegas entraram na..... trabalhar de guardião né, daí eles falaram que ainda tinha vinte vaga. Daí pediram “por que que você não vai lá? Vai lá no (?), já..... só assinar o endereço que cê mora, nome do pai e da mãe, não precisa fazer mais nada”. Daí peguei e fui..... eu fui com eles. Fui, daí a..... a moça pegou os endereço..... o endereço tudo lá né, e ainda perguntou se eu queria começar a trabalhar hoje mesmo. Daí eu falei, falei não posso que tenho que dar baixa na carteira ainda, que ainda to trabalhando. Que eu trabalhava lá no moinho do estival né, ali em Santa Felicidade. Aí..... outro dia já fui lá na firma onde eu trabalhava, dei baixa lá na carteira, o patrão não queria que eu saísse, e “ah, lá eu vou ganhar mais, bem mais do que aqui”. Porque eu ganhava só um salário mínimo lá, trabalhava bastante e ganhava só um salário mínimo. Aí fui, trabalhei vinte dia na..... na prefeitura, já fui receber, chegou dia do pagamento, ganhava quarenta conto por mês lá. Nos vinte dia já recebi oitenta, o dobro. Aí eu fiquei louco de contente, me arrependi de não ter saído antes. (QE1)

Os dois últimos depoimentos como estão indicados foram dados por indivíduos pertencentes ao Quadro Especial. Parece ser neste nível que podemos observar o mais baixo nível de sentimento de pertencimento a GM - aliás, eles não são percebidos como tal nem pelos GMs de outros estratos - e para os quais o elemento vocação se encontra mais distante.

Podemos observar ainda aqueles casos para os quais oportunidade do concurso público como que permitiu *revelar a vocação* ou dar continuidade a ensejos já

estabelecidos em relação a idéia de *trabalhar com segurança*:

Acho que.... relacionado a emprego né, uma profissão. E como o fulano já disse ali eu também sempre fui muito ligado nessa questão de uniforme, nesse setor de segurança pública, de equipamento. Meu pai era de polícia militar também e surgiu a oportunidade na época de fazer os dois concursos inclusive, tanto da Polícia Militar quanto da Guarda Municipal. Passei nos dois mas optei por ficar na Guarda Municipal. (GF1-1)

GM – Bom, eu na verdade sempre quis trabalhar na área de segurança, né, mas éé..... quando eu tinha lá meus 18 anos eu queria. Depois passou um tempo, me esqueci a idéia, mas entrei mesmo na Guarda por causa daí que era um concurso e eu queria estabilidade, como ela. Queria estabilidade, queria entrar na prefeitura, ou algum outro órgão né, então prestei o concurso e uni as duas coisas né, a vontade de trabalhar, é, como segurança assim e..... e já né, estando no setor público. Então, foi por isso que, que aqui estou.

Entrev. – As duas coisas então?

GM – Exatamente, é..... eu costumo dizer que pra mim estar na Guarda é, é trabalhar..... é um lazer, porque eu faço o que eu gosto, independente do..... da qual atividade eu esteja fazendo aqui, é um lazer, porque eu gosto mesmo assim, de vestir a farda, de ir lá, é, trabalhar operacional ou administrativo, eu gosto mesmo. (GNI-1)

GM – Bom, eu também né. A gente sempre procura uma estabilidade financeira né. E..... que nem a (nome próprio) tava falando ali, é um tipo de atividade que eu me enquadro né, na área de segurança. Que nem, por exemplo, se eu fosse trabalhar num banco, que me desse uma estabilidade, eu já não iria, entende, devido ao tipo de atividade, agora aqui na Guarda, uniu as duas coisas. Um tipo de atividade, né, na área da segurança que dá pra você

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

também fazer inúmeras outras coisas, e, a estabilidade financeira. (GN1-2)

Muitos GMs, principalmente os mais antigos, vieram das Forças Armadas ou já haviam trabalhado em empresas de segurança privada:

No meu caso eu trabalhava numa empresa privada, na área de segurança. É...saí do quartel, fiquei no exército, daí quando eu saí do exército não teve concurso. Já era uma das minhas perspectivas, ir pra Polícia Militar ou pra Guarda Municipal. Daí não houve concurso, daí abriu o concurso da guarda, eu fui informado, e fiz a inscrição até no ultimo dia, daí. E tamo há quinze anos. (GN2)

Eu também... eu saí do quartel...em seguida já tinha concurso da Guarda Municipal e um dos requisitos era ser reservista de primeira categoria, na época, né. Aproveitei a oportunidade e também estou há quinze anos já na Guarda Municipal. (GN2)

A propósito, o vínculo com as Forças Armadas, especialmente nas primeiras turmas, está relacionado com a exigência para a entrada na GM, uma vez que os candidatos deveriam ser *reservistas de primeira categoria*, ou seja, aqueles que serviram as forças armadas e que não tiveram nenhum problema no decorrer do serviço militar. Os primeiros cargos de chefia da guarda foram dados àqueles que tinham sido cabos, sargentos e tenentes das forças armadas. Talvez esse fato demonstre que inicialmente se não se tinha noção de

como formar Guardas Municipais tinha-se, outrossim, a ideia de que eles deveriam ter uma noção de “hierarquia e disciplina” militares e que, como chegou a ser dito, deveria sujeitar-se a um regime “mais duro”.

Segundo a explicação de um GM na dúvida sobre como seria o funcionamento da GM e se seriam aceitos pela população lançou-se mão de um recrutamento junto as Forças Armadas, o que para os GMs é algo visto como “retrógrado”, mas teriam alguma garantia de que “as pessoas seriam disciplinadas”:

Eles não sabiam...mais ou menos...a prefeitura...os prefeitos, os secretários não sabiam como iria funcionar a Guarda Municipal. E como que a população ia aceitar a Guarda Municipal. Então o que que eles fizeram? “Vamos pegar...é...pessoas de...é... oriundas de... já de serviço militar, que já tem alguma coisa assim com hierarquia, com disciplina, né... entende...que sejam disciplinadas. É uma idéia meio retrógada, mas enfim, era o que eles pensavam na época, né. Achavam que pessoas que não tinham passado pelo serviço militar não seriam... é... pessoas que seriam disciplinadas. Evidentemente que é um erro total, né, na época. Mas...é...acontecia...essa era a ideologia, né. Na época, que pessoas que já tinham passado por um serviço militar seriam mais disciplinadas, assim, enfim. (GN1-4)

Houve GMs que escolheram esta corporação em detrimento da PM em função daquela não ser militarizada:

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

E – Tem alguma razão para você ter escolhido entre a GM e a PM?

GM – Olha....salário, na época. Tava uma diferença na questão salarial. Militarismo, que a nossa é uma corporação mais civil. A polícia militar é aquele velho e bobo militarismo, não sei se alguém vai discordar de mim aqui. Acho que é isso. Mais precisamente foi isso. E quando me chamaram pra Polícia Militar era para fazer escola lá em Londrina.

(...).

GM – Daí eu já estava na escola da Guarda Municipal, 2 meses, e optei não sair.(GN1-1)

GM – Eu também entrei mais pela estabilidade. E eu não gostava muito de militarismo assim também, por isso preferi a Guarda do que fazer um concurso pra Polícia Militar.

E – E você pensava já em trabalhar com segurança?

GM – Isso, só que sem militarismo.

Continuando elencando e analisando os motivos de entrada na GM pareceu-nos muito interessante a constatação de que no discurso das mulheres, associada à vocação, apareceu um aspecto relativo ao desafio de entrar em uma profissão tipicamente masculina, que, como veremos um pouco mais frente, não se faz algum sem custo a sua *condição feminina*.

Em relação à escolha da carreira como GM e o desafio de adentrar o universo masculino as GMs informaram que:

GM – Eu tinha um sonho porque meu pai foi policial militar então eu me inspirei nele e eu também tinha aquele ideal....de como mulher, sabe, participando de uma profissão dita masculina. Então eu tinha essa vontade de tá atuando numa profissão

que a nossa sociedade rotulou como masculina.

E – Mas seria em que sentido assim?

GM – Porque é uma atividade que a maioria que exerce é homem. E dentro desse mundo masculino a mulher.....quando eu estava fazendo o curso e todo mundo achava “não ela não vai conseguir fazer tal coisa” ou “ah, na aula de tiro ela não vai conseguir” sabe? (GN1-1)

GM – Primeiro eu pensei concurso público, estabilidade financeira. Gostava de polícia, desses filmes de ação, coisa assim, a mulher então, acho o máximo a mulherada trabalhando.

E – Qual, qual é o seu símbolo assim?

GM – Não, assim, não tem um símbolo assim, mas você vê as mulheres brigando, lutando, assim, que a mulher não é só o sexo frágil, que se ela quiser ela pode muita coisa. Que ela não tem que ficar escondida atrás do fogão, que ela pode mais.

GM – Nós somos o lado forte, eles são..... (risos de todas). (GN1-2)

Destaque-se que o depoimento acima, assim como outros que citaremos no decorrer deste trabalho, foi dado em um dos grupos mistos, ou seja, segundo um pertencimento por nível e com a presença de homens e mulheres, quase sempre tendo por maioria homens. Parece que a presença de homens não inibiu as mulheres em seus depoimentos quando comparamos as respostas dadas pelas mulheres nos grupos mistos ou nos grupos exclusivamente femininos. Mas foi nos grupos focais exclusivamente de mulheres, talvez porque

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

naquele momento este tema tenha sido mais explorado, que se fez notar uma preocupação advinda com o desempenho feminino em uma atividade tipicamente masculina. Quase todas as participantes do grupo declararam que tinham o apoio de suas famílias e maridos: *“Na minha família não tem problema, meu pai até gosta, acha assim.....não tem problema assim, com relação a família. Minha filha também gosta”*(GF1). Não obstante os familiares possam revelar preocupações com as exigências do trabalho, *“E..... é meio complicado você..... conseguir consegue, mas você sempre fica, devendo em algum setor e geralmente os de casa é que..... que ficam meio..... em segundo plano né.”* (GF1). Ainda que exista também o outro lado, a saber, deixar de angariar alguma vantagem ou fazer algo que gostaria em função dos compromissos familiares,

GM - (...) a gente também abre mão de algumas coisas em virtude da própria família né. Você podia.....que nem no meu caso, eu queria ir prum outro setor da guarda lá, não posso ir porque eu tenho dois filhos, e uma precisa estudar e o outro precise de quem cuide, e eu tenho que ficar onde eu tô.(GF1)

Observa-se também, como já dissemos, uma preocupação por parte dos

familiares pelos possíveis perigos que a profissão encerraria,

GM - (...) a minha filha, assim, ela.....ela tinha muito medo, porque ela levantava bem cedinho e dizia assim “mãe, deixa eu te dar um beijo porque pode ser que alguém te mate hoje no serviço, e daí eu não vou ter mais você”. Então no começo ela sofreu bastante com isso, hoje ela tá com 18 anos, então... já mudou assim, bem a visão dela e do meu filho. (GF1)

GM – A minha mãe também fica meio preocupada, por causa da violência né, que ta bem grande, mas ela sabe que eu gosto e ela ta aprendendo a aceitar isso ao, não tem como..... né, querer que eu saia e tal. Até seria a vontade dela também, mas daí ela num..... não tem como né..... ficar me pressionando e tal. Ela vê que eu tô bem, que eu tô feliz, então ela..... ta aprendendo a conviver com isso, com a história. (GF2).

Segundo as GMs o fato de elas terem uma atividade de risco, a possibilidade de *“se precisar (...) dá uns tiros”*, mas também, é claro, levar tiros, que faz com que muitas pessoas e não somente os familiares *“(...) se surpreendem assim: ‘nossa, mas se eu tivesse uma filha eu não ia deixar ela trabalhar nessa.....nessa profissão’*. Nossa, muitas vezes já me aconteceu isso”. (GF1).

Mas parece que a questão que mais incomoda as GMs, uma vez que os problemas anteriormente referidos podem também atingir aos GMs homens, estaria diretamente relacionada a uma questão de gênero, a uma associação entre o desempenho da função e a perda da *“sua*

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

feminilidade” (GF1). Que pode ser interpretado como aspectos de uma personalidade “braba.....e a mesma fama que todos meus tios [atribuem a esta GM], que não me vê assim há muitos anos, ‘ah, é a braba da família, a fulana é a braba’”. Associada diretamente ao início da carreira como GM uma vez “*que antes não era*” percebida daquela maneira (GF1).

Mas a escolha pela carreira de GM pode ser também interpretada como comportamento masculinizado ou homossexual pelo “machismo”, sendo assim que elas definirão tanto uma “visão da sociedade” quanto dos indivíduos sejam eles homens ou outras mulheres que “desconfiam” e criticam as suas escolhas profissionais pela GM.

No trecho abaixo selecionado evidenciamos a percepção do incômodo por fazer parte de algo que “não te pertence”. Observe-se a dificuldade ou “rodeio” em chegar ao ponto em que as GMs declaram que podem ser vistas como homossexuais:

GM – Porque as pessoas.....na realidade.....é machismo.

GM – É, a visão delas é de que mulher não foi feita pra...

GM – É machismo.

GM – A gente vive numa sociedade machista.

GM – Eles fingem que não.

GM – É maquiado.

GM – Mas é machismo. Porque as pessoas, elas.....elas não acreditam na capacidade das mulheres num aspecto..... elas encaram a profissão de segurança como um.....uma coisa truculenta, uma coisa que você tem que ter um preparo físico né.....um porte físico.....

GM – (intervindo) que cê vai perder sua feminilidade.

GM (cont.) -que a mulher não tem...

GM (intervindo) – E que a mulher que encara.....seguir nessa profissão, né, ela tem.....ela vai virar.....

GM – Ela tem uma tendência...

GM (cont.) – A virar.....

GM (concordando) – É

GM (cont.) – A virar..... homem né. Uma tendência masculina, entendeu?

GM – Então é isso que assusta pra alguns, deixa os outros desconfiados, assim..... em termos da segurança em si né, né, porque é perigoso, porque tem tiro.....

GM (intervindo) – Isso.

GM (cont.) – A família se preocupa quanto a isso né. Mas é um preconceito pelo fato de achar que, cê tá no lugar errado, fazendo algo que..... não te pertence.

GM – É o machismo.

E – E fica desconfiado porque, assim, em que sentido? Que você falou que fica desconfiado.

GM – Não, porque já parte mais pro lado da parte..... da parte sexual sabe. Já acha que você tem uma tendência a homossexual, que..... por ser um trabalho estritamente masculino..... e não é. (GF1)

Concomitantemente a masculinização ou a homossexualidade a elas atribuídas, as GMs também relatam que muitos colegas têm desconfiança em relação à sua força e capacidade de socorro em caso de necessidade. Como nos explicaram:

GM – Não. Assim, às vezes tem. Tem de guarda..... tem guarda que não gosta de trabalhar com mulher, assim sabe, eles ficam preocupados assim né.

GM – Com a segurança deles.

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

(risos de várias)
GM – “Será que vai dar apoio”?
(várias falando juntas) (GF2).

Ainda que as GMs assegurem que seja “(...) um ou outro. É minoria”. (...) A grande maioria não.....” (GF2). Mas são essas mesmas GMs que consideram que a insegurança que o seu companheiro possa sentir pode ser real e tem relação com o perfil da GM em questão, a saber, se é “operacional” ou “administrativo”, como se tal condição fosse algo exclusivo à condição feminina, como explicaram,

GM - Mas, eu acho que nesse caso, porque tem aquela guarda, que ela é operacional, que ela vai pra uma ocorrência, ela enfrenta, ela tá lá junto, ela puxa uma arma se for necessário, ela desce o cassetete se for necessário também. O guarda vê que se ela faltar em alguma coisa, é por questão que, que a gente tem uma força física menor do que eles. É por isso. Mas não é por se eximir do trabalho. (GF2)

Ou seja, pode faltar “força física”, mas não disposição para enfrentar a “ocorrência”. Diferentemente das GMs que tem um

GM - (...) perfil (...) é bem raro encontrar (...)as guardas antigas assim, a maioria delas, o perfil delas, é trabalhar fechado, administrativo. Elas preferem assim, elas não querem ir pra rua, éé, se defrontar com situação assim, ter que fazer revistas, então elas..... elas ficaram mais escondidas assim, no administrativo, éé, trabalhando no, no rádio, na comunicação. (GF2)

Curiosamente as GMs confirmam que existem colegas que “[nas suas atitudes] é igual, até mais do [que o] homem”. Não obstante na percepção delas acabem, na verdade, sendo melhores que os homens, na medida em que aliam qualidades femininas como a “intuição”, porque “conseguem pensar” e “argumentar” melhor.

GM - (...) Então a gente vê que quando cê começa a desenvolver mais o trabalho assim, você fica com, você fica com uma visão assim que você já sente, porque a mulher, ela tem isso né, essa intuição assim. E ela fica assim, ela, ela.....ela opina assim, olha eu acho isso, isso e isso. E geralmente as mulheres acertam, sabe? Porque elas conseguem, conseguem..... pensar assim..... analisar.....

GM – E às vezes a mulher resolve antes uma situação, antes que se complique.

GM – É.

GM (cont.) -Que nem teve um mutirão no CIC, só o fato de você ficar fazendo a marcação em cima das pessoas já inibe o que eles tavam querendo fazer, que era fumar droga. E os homens, alguns que entraram agora, o que que eles querem? “Ah, vamo descê porrada, vamo lá pegar, fazer um auê pra (?)”. A mulher não, a mulher chega quietinho, resolve, não precisa fazer o auê.

GM – Prefere argumentar né?

GM – Prefere argumentar, conversar, pedir pra que se retire. (GF2)

Todavia o “saber argumentar” tem que ser equacionado segundo as circunstâncias ao “saber se impor” sem o que se “perde a moral” e junto com ela “perde a ocorrência”,

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

GM – (...) se a mulher não se impor, se a gente não chegar, do lado de uma ocorrência..... numa ocorrência..... não to dizendo que uma ocorrência com..... com menores aí em conflito com a lei. E ocorrência, ocorrência..... vamos supor, um furto, um roubo, que cê ta se deparando com uma situação de dano ao patrimônio, que é um..... um adulto que esteja ali, que é o..... que geralmente, na maioria das vezes, acho que se..... se for olhar, nas estatísticas, é mais masculino né. Se você não chegar se impondo ali.....

GM – Você não tem moral nenhuma.

GM – (cont.) Cê não tem moral, cê perde a ocorrência. A abordagem é tudo.....se, se num chegar e se impor, você perde a ocorrência. A pessoa ela vai cresce pra cima de você, e você vai precisar do teu companheiro e, se bobear, você vai precisar de apoio de outra viatura.(GF1).

Uma vez que em muitas “ocorrências” quando os envolvidos veem que é uma GM que esta atendendo “porque é mulher acha que pode tudo né, acha que não vai dar nada” (GN1-2). Com o que um GM homem presente no mesmo grupo focal concorda,

GM – Trabalhei..... trabalhei com muita mulher, é melhor que muito marmanjo que a gente..... trabalhei em praça com mulher. Mulher trabalha bem, legal, tipo é (?) da pessoa trabalhar, só que..... o cidadão que vê a mulher na praça, ele num..... num é que ele num..... tipo, ele pensa assim “mulher é mais fácil de fugir, é..... tenta agredir”. É complicado. Pra elas é complicado.

Todavia é importante destacar que “se impor” significa não, como posto anteriormente, impor-se moralmente, mas “no aspecto físico mesmo”, o que não

significa “ser agressiva” que é visto como uma atitude extremada. Segundo as GMs isto dar-se-ia, mais uma vez, em função de todo um conjunto de diferenças entre elas e os homens,

GM - (...) a mulher.....justamente, pela diferença física né, que eu costume até falar éé.....uma mulher, ela pode.....nossa, eu posso fazer muito exercício, posso ficar muito forte, mas éé..... em comparação com um homem da mesma estatura que eu, né, ele sempre vai ter uma certa vantagem. Porque nós fomos criadas, naquela, naquela “ah, a bonequinha, bonequinha ali.....ai minha filhinha ali, arrumar o cabelinho.....”. Enquanto o homem tava lá, brigando com os amiguinhos na escola.....pregando a porrada desde cedo. E a gente muitas vezes só foi aprender a dar porrada.....na escola ou então fazendo, né, dentro da academia. Entendeu? E eles.....e eles estão na rua, a mulequada foi criada na rua, foi criada apanhando, brigando, se defendendo. E nós não, a gente tem essa certa dificuldade, que a gente tem que correr atrás, muitas vezes. Pra você trabalhar na rua, a (diz um nome próprio) que sabe, ela fica aí direto atendendo ocorrência, se você não se impor.... (GF1).

As GMs também se referem a uma competição dos GMs homens com elas, que seria um reflexo de uma competição entre eles próprios e que acabaria tendo reflexos na relação com elas,

GM – E com a gente é mais um reflexo né, porque..... eles se sentem superiores a nós. Isso sente né, qualquer homem, qualquer situação, sempre vai se sentir assim.

GM – Tem um, tem um..... eu sinto, eu na..... comigo assim, existe, existe, deixa eu ver, acho que um guarda, um ou dois guardas assim, eu lembro de um agora, que

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

eu sinto que ele compete comigo, assim sabe? Ele, ele tem assim..... ele se preocupa quando eu tô..... que tem guarda que ama viatura. Que tem..... que os guardas, eles amam as viatura e amam arma, assim né, os homens né. (risos de uma guarda). Eles gostam assim né, então eles se sentem assim, mais né..... então, amam viatura. E às vezes, por uma necessidade, daí eles..... o chefe, né, pede pra gente ficá na viatura, (?) e tal, ficá na viatura. E esse guarda, ele compete comigo, sabe. Ele sempre tá..... ele é falso assim, ele chega pra mim assim, e fala, fala uns negócio assim né, daí pra dizer né, que ta me apoiando assim e tal. Mas eu sei que é mentira dele sabe.(GF2)

Algumas das questões que as GMs colocaram nos levam a tecer algumas considerações que serão retomadas um pouco mais a frente quando compararmos a supostas diferenças entre os GMs e outras polícias, principalmente a Polícia Militar. Como se pode ler as GMs consideram que sua atividade quando comparadas ao dos homens é mais dialogada, conversada, etc., indicando que as sequelas dos anos mimese com a Polícia Militar haveriam de existir. Ou seja, os GMs podem ter comportamentos violentos que poderiam ser resolvidos de outra maneira. Um problema relativo a masculinidade, um comportamento aprendido com a PM, um pouco dos dois?

Foi um Coronel PM à época comandante da GM de Curitiba quem me deu uma explicação sobre o que ele pretendia para a GM. Disse-nos ele: “você

não tenha dúvidas o que pretendemos é transformar a GM numa Pmzinha”. Os Movimentos Sociais que têm sua militância em Curitiba concordariam que a promessa ou praga do Coronel, pelo menos em parte, está sendo cumprida⁶.

A PERCEPÇÃO DA FUNÇÃO E DO PAPEL DO GM

Neste item agruparemos tanto a percepção do GM do seu papel e função em relação à segurança pública, assim como o entendimento que GMs têm sobre as exigências da sociedade sobre a sua atividade.

Se bem que alguns GMs possam definir de forma objetiva sua função, como disse um dos entrevistados: “Olha, acho que temos a consciência de que a Guarda tem que cuidar do patrimônio” (GN1-1) - é isso que, de maneira geral, repetirão formalmente ou “segundo o manual”- a grande maioria salienta que não sabe bem qual é a sua função ou seu papel, oscilando entre um indefinição explícita: “eu acho difícil definir”(GN1-1) ou “a gente fica numa incógnita” (GN2), e a noção de “é um faz tudo” (GN1-3), um “mix (...) um pouquinho de tudo” (GN1-2), vale dizer, “é a parte operacional, é a parte de polícia, é a parte de

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

assistência..... na realidade é um pouquinho de tudo assim, sabe, é um pouquinho do corpo de bombeiro, é um pouquinho da Polícia Militar.....” (GN1-2).

Vejamos um depoimento exemplar:

Então essa tua pergunta, só tá me acompanhado durante 19 anos. E por ela..... 19 anos que eu tenho de serviço.....e por eu ter todo esse tempo de serviço, ela fica indefinida, porque foram 19 anos de construção dessa identidade, construção dessa pergunta, de “quem somos nós, quem é essa guarda, né?”. Então ela,... ela pra mim, eu tenho dificuldade ainda, é como se na verdade essa pergunta, ela não.....não tivesse nunca um fim porque ela tá sendo sempre construída no dia a dia. (GM1)

A noção de que a GM está “sendo sempre construída no dia a dia” talvez seja a mais radical posição quanto a indefinição do papel do GM. De qualquer maneira a ideia da indefinição dos papéis é complementar, faces de uma mesma moeda, à “ideia do faz tudo”, como informou um guarda em cujo discurso podemos observar a passagem da função enquanto uma “incógnita” a ideia de que são “polivalentes”.

Olha, às vezes a gente fica numa incógnita, porque (...) a gente fica muito a mercê as vezes de uma condição de conforme o prefeito que entra, conforme o secretário que tem. Então nós temos uma lei municipal que diz.... que nos inclui na proteção à população. Pela Constituição, nossa proteção é bens, serviços e instalações, então é complicado. Na verdade nós guardas somos polivalente,

nós fazemos de tudo um pouco nessa vida. Nós cuidamos da proteção dos bens, serviços e instalações, nós cuidamos da proteção da população. Então nós fazemos tudo....é....infelizmente eu acho que acaba....a cada um de nós decidindo na hora do fato, da ocorrência, se conforme vai atender....se vai atender de um jeito ou do outro.

Esta noção de uma atividade que se constrói na medida em que sua presença é demandada, sem que os GMs se sintam respaldados legal e/ou politicamente parece ser o ponto central da questão, mesmo porque acreditam, os GMs, que a indefinição quanto aos seu papel e função acontece também com os seus comandantes, “Acho que o nosso comando ele não tem isso delineado e fica muito em cima do muro. Você não sabe para onde você vai. E a corporação que tá lá no dia-a-dia na rua, sente isso” (GN1-2).

Antes, porém, de continuar esta linha de argumentação gostaríamos de salientar que nem sempre a “polivalência” é tomada como negativa, o “faz tudo” pode aparecer no discurso dos GMs como algo positivo, como por exemplo nos trechos abaixo destacados,

GM – Se for analisar, Secretaria de Abastecimento, ta lá o Guarda Municipal, cuidando do armazém da família, cuidando dos funcionários. A Secretaria de Saúde ta lá, o guarda cuidando da unidade de saúde, cuidando dos funcionários, para não serem

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

agredidos. É...Secretaria de Educação tá lá o guarda nas escolas....

E – Por isso que eu digo, a Guarda é a Prefeitura. A Guarda é a prefeitura.

C – E é a única que não é valorizada.

E – Hoje, se tirasse a Guarda Municipal de todas as secretarias, as outras secretarias não trabalhariam. (GN1-1)

GM - Hoje eu diria que a Guarda Municipal é o faz tudo. Modéstia à parte. Por exemplo, assim, nós atendemos, no caso nosso né: toda a prefeitura, tudo, tudo. Por exemplo, lá o pessoal do IASP⁷, liga pra gente resgatar uma criança. A Guarda Municipal vai, ela tem que ir, né. Aí vem uma chamada da nossa central, caiu não sei o que, defesa civil: a Guarda tem que ir. É não sei o que, um encaminhamento: tem que ir. (GN1-3)

GM - Na verdade a gente... e não só a questão de proteção à população, hoje em dia, dentro da prefeitura mesmo, nós fazemos um monte de funções, que não ta em lugar nenhum, e não cabe a nós. Então, como a gente trabalha.... tem serviço que atua vinte e quatro horas, então a gente acaba sendo a visão, os olhos da prefeitura....é.... as vezes é a Guarda. É invasão, a Guarda vai; as vezes é um buraco que tem na rua, a Guarda vai; situação dum cachorro na rua é a Guarda que vai; caiu um árvore, a Guarda vai. Então, quer dizer, às vezes você tem claro e as vezes cê não sabe realmente qual que é a tua função. (GN2)

Quando os GMs afirmam que “a guarda é a prefeitura”, que é “a visão, os olhos da prefeitura” fica claro as desculpas pela falta de modéstia. Observamos inclusive a defesa de que o papel da GM tem que ser este mesmo, uma espécie de “faz de tudo”, porque esta seria uma demanda da população, que, por vezes, nos discursos

deles é indicado como algo positivo, como poderemos ver a seguir,

GM - (...) as pessoas recorrem ao guarda, seja no posto, seja na viatura, seja na escola. Ele é um referencial. Muitas vezes a gente... assim... nos pede informações como se nós fossemos conhecedores de..... tudo que fosse assunto. Então a gente é sempre solicitado pra informações, pra apoio, pra atendimento, pra encaminhamento. (GN1-2)

GM - Então a nossa função, ela não pode ser específica: “o guarda municipal faz isso”. A Guarda Municipal tem que ta preparada para fazer isso, e mais. Porque a população cobra da gente, e é o dia-a-dia da gente. (GN1-3)

Tal percepção positiva é acrescida pela ideia da “missão cumprida” que quase sempre está associada a funções de *prevenção, proteção e orientação*, motivo pelo qual acreditam os GMs que são vistos pela população como uma instituição respeitável,

GM – (...) é gratificante você chegar no final do dia e você saber que puxa, tinha uma pessoa que tava correndo risco de vida, você foi lá, fez com que num tive..... num acontecesse nada com aquela pessoa. Pra mim, nossa aquilo é muito bom. Uma pessoa precisava ali dum local, e tava no local errado, cê busca a informação pra ela, correta, e ela vai ficar satisfeita, contente. Então isso daí pra gente é gratificante. Cê ta fazendo (?). (...)

GM – Acho que até coisa simples, como fazer o trânsito na escola ali, um ano, dois anos. Quem não a gente não evitou, que seja uma vida ali, que poderia ter sido perdida ali. Nossa, já é muito..... gratificante já. (GN1-2)

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

GM – É gratificante o trabalho da gente, de poder prestar essa ajuda...é... ser requisitado pela população. Preferido às vezes. É gratificante. (...). Uma gratificação, um reconhecimento. E muitas vezes esse reconhecimento, ele ta faltando dentro da nossa corporação. Mas a gente vê pela população, o resgate daquilo que você ta fazendo, né. Palestras, né. (...). É... famílias que você ta, né, vendo bem as pessoas abraçar você, o carinho demonstrado, né. Ele não abraça o guarda fulano, ele abraça a Guarda Municipal, né. (GN2)

Como podemos ver os GMs consideram que não há grande problema em “ser um faz tudo”, mas a “incógnita”, a dúvida é simplesmente se serão ou não respaldados e/ou “reconhecidos” - “O que a gente carece mesmo é do respaldo e apoio” (GN1-2) – caso tomem uma decisão no momento em que esta se dando uma ocorrência segundo seus valores e experiência e a ação/omissão possa ser interpretada como negativa.

Em relação ao “reconhecimento” nós já destacamos como eles acreditam que a atividades deles se confundiria com a própria prefeitura, na verdade incorporariam a prefeitura (“A guarda é a prefeitura”). No entanto, consideram que seus salários são insuficientes, avaliando que trabalham muito.

GM – (...) a nossa carga horária é de 11 horas por dia e ainda tem, por necessidade, fazer escala extra em fim de semana. Então acho que uma coisa da valorização da

pessoa seria uma carga horária menor, pra pessoa ter....ééé...conviver com a família (...).

GM – Ou seja, o que falta é salário né, porque a nossa carga horária é 40 horas. A gente trabalha mais por necessidade.

GM – Se a gente trabalhar apenas essas 40 horas a gente vai ganhar um pouquinho mais que um cobrador de ônibus. Não desvalorizando o cobrador de ônibus, mas pela média de horas que a gente trabalha é praticamente isso. Teria que aumentar seria o salário. (GN1-1)

Mas há um nível de “reconhecimento” que identificam como “respeito”, que não se daria exclusivamente por retribuição material, como, por exemplo, aquela expressa pelo salário. A “falta de reconhecimento” por parte da prefeitura é sentida também seja na falta de divulgação do que a GM faz seja quando há a tarefa da GM é atribuída a outro setor do poder público municipal, como explicitado no trecho a seguir,

GM – Olha, a prefeitura, ela divulga tudo que ela faz, menos o que a gente faz (risos). A prefeitura fez um posto de saúde, fica a semana inteira, no canal 12, oito horas da noite, passando, “prefeitura, saúde, posto de saúde”. A Guarda Municipal pega um média de 13 mil ocorrências por ano e não aparece nada.

GM – Falado (...?) que a gente fez.

GM – É, a gente fez....a gente trabalha na área de proteção ao transporte coletivo. Essa semana a gente deteve um motorista que tava fraudando o sistema. Levamos, encaminhamos ele pra delegacia. Nos

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

jornais (riso de zombaria) que os fiscais da URBS haviam apreendido. (GN1-1).

É entre os GMs do Quadro Especial que surge uma forte crítica e reclamação em relação ao não reconhecimento, inclusive salarial, o que certamente está associado a percepção que os colegas de outros níveis têm deles. Uma vez que estão de farda, são visto como um GM qualquer, mas sentem-se menos reconhecidos que os GMs dos outros níveis,

GM (cortando) – Veja bem, quando a gente passou..... passamos de vigia pra Guarda Municipal, Quadro Especial. (?) retorno, tudo bem. Vem no contra cheque lá, Guarda Municipal no Quadro Especial, certo? Hoje, por exemplo, tá a Guarda fardada, se tiver alguma bronca na rua e eu não atender eu vou responder uma sindicância administrativa. Só no salário..... ah cê vai fazer, eu to com o certificado do..... formação de Guarda, só que eu não posso ganhar o salário de Guarda. E faço a mesma função, respondo igual. Sou penalizado igual.....

GM – É verdade.

Marcelo – O salário então é menor?

GM – É menor. Não é reconhecido.

GM – Não é reconhecido, e a população acha que você, entendeu e..... o pessoal não quer saber, porque você tá fardado. Você não tá ganhando como Guarda, cê tá ganhando como.....

GM – É jogo político.

GM (cont.) - e o povo não quer saber na rua. Você tá fardado, você pôs uma farda, saiu de casa, cê pega qualquer ziquezera na rua, e você tem que dar um apoio né. E você não tá ganhando como

isso, você tá ganhando como..... agente de segurança, como antigamente era. Eu era guardião, né. De guardião daí passou pra agente de segurança. Daí extinguiu, foi lei do governo federal. Daí veio todo mundo, passou pro Quadro da Guarda Municipal, né. Deram a farda tudo, mas não mandaram fazer nada. Deram assim ó “pega essa farda e.....”, entendeu?. Acho que você, isso é, né.....

GM – Não deram treinamento nada. Como que cê vai..... não te dão um apoio. (QE2).

A questão seguinte é de terem ou não “respaldo” quando tomam ou deixam de tomar uma decisão (“Se não faz você responde, se você faz você responde. Se você fica em cima do muro você *também* responde. Então na realidade você não tá amparado né” (GF1)) em relação a um ato que não está codificado ou que legalmente, não moralmente, não seja visto como atribuições deles. Explicando melhor tudo indica que a ação dos GMs é orientada segundo seus valores e, como veremos mais adiante, pela cobrança da população de que sejam policiais, inclusive. No entanto, na percepção deles esse “respaldo” não existe, seja por parte dos políticos, do comando ou da legislação, quando erram ou a ação deles é interpretada como errada. Diga-se de passagem, que o tal “respaldo” seria, ao final de tudo, o reconhecimento da atividade deles como de polícia, de fato. Até por que na percepção deles “a população [os vê] como

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

polícia” (GN1-2). Aliás, sobre este todos os grupos falaram e muito.

O problema mais importante seria a falta de respaldo político e administrativo da própria prefeitura, particularmente da parte dos Procuradores (que eles comparam a Ouvidoria das polícias) e mesmo dos Comandantes.

GM – E a questão de divergência e legislação, a gente comentou aqui anteriormente, é, por exemplo, tem uma situação lá que você.....uma ocorrência mais grave....por exemplo...a justiça comum considera, praticamente 90% dos juízes, dos promotores considera a gente como polícia mesmo.

GM – Já a nossa procuradoria, dentro da prefeitura, não considera isso. Considera que a gente tá aqui pra cuidá só disso daqui, ou seja, guardião, vigilante, cuidá só de prédio....

GM – Bem na verdade, o que precisaria é uma reestruturação geral....

GM – (continuando) porque assim, o povo nos reconhece....

GM – (complementando) a justiça...

GM – (continuando)....mas o nosso povo não. O nosso povo interno não. Porque toda essa...essa...de equipamento, de pessoal é...uma boa parte dele é maquiagem só. (GN1-1)

GM - Porque assim, na Guarda funciona assim. Nós somos restritos a chefia, éé..... “Você pode, você não pode. Se você faz não pode, se não faz.....”. Entendeu? Então é..... muitos que entraram agora, que ainda tá em estágio probatório, está no “não vou fazer, porque o chefe não quer, diz que não pode”. Então existe muito isso. Mas esse pessoal que entrou agora, eles foram bem treinados pra..... pra ser polícia mesmo, chegar e agir. Então nós, os mais antigos né, ainda fica naquela, mais pro lado de cuidar do patrimônio público.

GM – Ela tinha que se tornar mesmo, uma polícia municipal de fato mesmo, já que na prática nós somos né. Mas agora no papel.

GM – Você é obrigado a fazer o serviço, querendo ou não. Você..... tendo o respaldo ou não, você vai fazer. Depois você vai responder por não ter a legislação ao seu favor. Mas você é obrigado a fazer, não tem como cê dizer não pro cidadão que tá..... tá precisando.

GM – Não que assim, a pessoa vem, ali..... por exemplo no parque lá, no Parque Barigui, ah os piá tão..... tão carregando tubão por exemplo, tão carregando (?) pra atirar nos outros. Você tem que fazer uma abordagem neles. Você não tem poder de polícia pra fazer essa abordagem, mas você é obrigado a fazer. Você vai dizer “não, não vou fazer porque eu não, não tenho esse poder”? Você vai lá e faz, e depois se eles reclamarem você responde por isso.

GM – Poder de polícia a gente não tem. A gente faz, mas não temos.

GM – Não tem poder de polícia. Se eu errar, eu vou responder e não vai ter ninguém pra me apoiar. Eu vou responder pela (?) pessoa, não (?). (GN1-3)

A Procuradoria Geral do Município não apoiaria dentre outras coisas porque “não enxerga” que “o que tá escrito”, a “teoria”, ou “na mesa é uma coisa e na rua é (...)” é bem diferente, como nos foi dito:

GM – O que falta muito pra gente é esse amparo legal né. Porque se o guarda pega e resolve alguma situação e resolve bem feito, não fez mais que a obrigação. Agora, se por alguma coisinha ele peca, “por que que você foi lá, você não devia ter ido lá. Isso não é sua atribuição. Você não é polícia”. Isso que, tipo, o comando ou ali quem julga essas ações do guarda não tem essa visão que o guarda tá ali para atender as ocorrências, mas não tem esse amparo legal.

GM – Teve uma situação dum guarda, que ele tava passando, tavam assaltando uma farmácia, foi solicitado, ele desceu da viatura, trocou tiros... (...)Eles acabaram

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

por matar o bandido, e ele tá sendo punido pela corporação.

(...) mas nós esbarramos sempre nessa...nessa...nesse problema de legalização do que a gente faz. Você pode ou não pode. Então, a linha que divide é muito tênue. Você pode, você não pode...você deve, você não deve. Então se você não faz você é punido porque você não fez (...). (GN1 – 3)

GM - É...só que a procuradoria não enxerga isso, né. A procuradoria, muitas vezes, ela quer saber o que ta escrito. Que nem...é formado por pessoas que entendem de lei, mas que entende só de teoria. Que não sabe que, muitas vezes, na mesa é uma coisa e na rua é uma coisa bem diferente. (GN1-4)

A leitura ou interpretação que os GMs fazem quanto ao seu papel de “proteção do patrimônio” é muito interessante. É importante que falemos sobre esta interpretação, pois é, em parte, sobre ela que se darão as disputas com os procuradores que batem firmemente que patrimônio são os “próprios da prefeitura”.

GM – Na verdade, na visão do guarda, o patrimônio, assim, é de uma forma, assim, mais abrangida, entendeu? O patrimônio pra nós...o cidadão é uma patrimônio, assim, ta dentro de Curitiba, né, então é patrimônio....

GM (interrompendo) – O principal, no caso, né.

GM (continuando) –né, então a gente atende....

O que seria respaldado pelo “*slogan*, em qualquer viatura que você olhar tá escrito “Guarda Municipal, salvaguardando a vida, nosso maior patrimônio”. (GN1-3)⁹

Às relações entre os procuradores e os GMs, voltaremos em outros momentos deste trabalho, por ora continuaremos a destacar como para livrarem-se de punições pela falta de apoio e “amparo legal” acabam desenvolvendo outras estratégias com “fazer vista grossa” para alguns eventos, particularmente aqueles que podem ter grande repercussão,

GM - É que é aquela coisa, você faz, né, a gente faz uma coisa assim, que ela.... que ela tem um....assim... vamos fazer uma vista grossa, né. Mais ou menos a gente faz dessa maneira. Só que é aquilo, né, que nem eles estavam falando, né, já teve guarda que foi punido por agir certo, né. Só porque não.... na visão da procuradoria lá, pelo que diz o artigo quinto lá, o artigo cento e quarenta e quatro (...). [se já houve casos que] ele já foi punido porque deu tudo certo, imagina se der uma coisa errada? Então isso freia muito os guardas.

GM - E mais um coisa, lá, eu sou chefe de equipe, entende. Daí a gente tem que tomar uma decisão as vezes que você.... que ta totalmente longe do teu alcance. A gente tava numa invasão de terra, agora, semana passada que a.... o presidente da COHAB10, a área era da COHAB, quer dizer, a COHAB ligando pra mim, assim, “não, vocês tem que tirar esses....”. Peraí, eu não posso, eu tenho que receber ordem do meu secretário ou do meu diretor. E não encontrar o.... as pessoas, entende. E, como ele falou, se eu sou uma pessoa afoita, “não, vamô tirar”. À noite, de madrugada, “vamô tirar”. Morre um companheiro, e aí? “Quem tomou essa decisão?”, “Fulando de tal”. (GN1-4)

Os trechos acima apresentados são dos GMs nível 1, já a posição dos GMs nível 2, não obstante partilhe percepções

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

semelhantes, acabam tendo um pequena diferença no que diz respeito ao fato de que, segundo estes últimos que consideram que ainda que se possa, seja a população, sejam os outros setores do poder municipal como a Procuradoria Geral do Município, cobrar da GM tanto pela ação quanto pela omissão, “internamente” (no “interior” mesmo da Guarda Municipal) os GMs saberiam ou deveriam saber sim o que fazer. Para os GMs nível 2, como já destacamos, eles são “faz de tudo”, “a visão, os olhos da prefeitura” e que

GM - (...) nós internamente nós se administramos e sabemos, né, até o limite... ou você resolver uma ocorrência policial, né, então você tem o teu limite. O guarda que ta na rua ele sabe que ele tem um limite. Se ele fizer bem feito ele vai ganhar os parabéns. Se ele não concluir aquela ocorrência bem feita ele vai ser punido. (GN2)

Como, no entanto, a Procuradoria Geral do Município é “de fora” os “procuradores não entendem desta forma” – “(...) quem tá fora, pega a legislação e tem outra visão, outra interpretação” - ou seja, os “limites” com os quais os procuradores lidam são os estritamente legais e por isto eles acabam sendo, na visão dos deste grupo de GMs um dos maiores entraves para o desempenho da atividade deles, pois se do conjunto da prefeitura

esperariam apoio, da procuradoria esperariam que a defesa jurídica. Não esqueçamos que, como salientamos anteriormente, os GMs consideram que a Procuradoria Geral do Município é equivalente a Ouvidoria ou Corregedoria das polícias civil e militar, e eles bem sabem como estes órgãos se comportam quando se trata de “apoio” e “respaldo”, e consideram que na “Guarda Municipal, falta, infelizmente, falta uma coisa que existe de sobra na PM, na polícia militar, que é corporativismo” (GN1-1). Diferentemente do que acontece com os GMs na procuradoria: “...até a gente brinca, se você chegar de azul na Procuradoria Geral do Município você já ta sendo punido lá no portão, já.” (GN1-4).

Por isto é que os GMs repetem que “(...) o maior entrave nosso é administrativo. Eles é que nos deixam mais com dificuldade da nossa atribuição. Porque conforme a gente sai da escola, você sai na rua e você faz, você desempenha.” (GN2). O aspecto fundamental, a maneira que melhor equacionaria “amparo legal”, “reconhecimento” e “respaldo”, segundo os GMs seria a transformação da corporação em polícia de fato, ou seja, não somente um grupo de funcionários públicos que como toda autoridade tem “poder de polícia”, mas

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

não é polícia, ou seja, não tem o “poder da polícia” para desempenhar uma atividade que eles e, segundo eles mesmos, a população entendem como sendo policial no sentido estrito do termo. Sem poder para multar ou para prender e confrontado com situações em que um policial poderia ou deveria fazê-lo, os GMs, como dito por eles, acreditam “que assumissem de vez” e, o mais importante, que fossem assumidos pelos seus superiores como policiais que, acreditam, são, e que figurem como as demais polícias onde “hoje até, infelizmente, a gente é ... não ta escrito: no artigo 188 da Constituição Federal como órgão de segurança pública... 144, né?” (GN1-4).

Será sobre o tipo de polícia que acreditam seriam assim como a construção desta polícia implica mimese, mas também, e cremos que principalmente, afastamento das polícias existentes e de forma mais intensa da Polícia Militar com quem os GMs têm uma relação ora de admiração, ora de disputa e a maior parte das vezes de crítica e negação.

POLÍCIAS, MILITARISMO E A “POLÍCIA DO FUTURO”

Deixemos claro desde já que a maior admiração que os GMs têm pela PM é o

suposto “apoio” e “respaldo” que o “corporativismo de mais da PM” garante aos integrantes da corporação. A ideia de que “(...) a Guarda, ela tinha que dar um respaldo maior, né, prós guardas, como é o caso da PM, né” (GF2), é amplamente partilhada pelos GMs sejam de que nível for e independentemente de questões de gênero.

De outra forma, as concepções do que e como deveria se comportar a GM enquanto polícia difere, pelo menos retoricamente, da forma de atuação da Polícia Militar. De “polícia comunitária”, passando por “polícia do futuro” ou mesmo “a menina dos olhos da segurança pública” que os GMs definem como sendo sua vocação, tem como contraponto as práticas da Polícia Militar que percebem como truculenta, autoritária e distante da população.

Como afirmamos anteriormente os GMs se veem como polícia e acreditam que a população assim também a vê, pelo menos quando precisa de ajuda (“A população ela olha pra você: ta fardado é polícia... (GN1-3)), uma vez que quando a GM atua na prevenção ou repressão os indivíduos aos quais se direciona aquela ação dos GMs, segundo indicação dos próprios GMs, questiona a autoridade dos mesmos, principalmente em se tratando de uma GM

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

como destacamos ao tratarmos das relações de gênero e a escolha da profissão de GM ou como no caso abaixo em a autoridade da GM é questionada duplamente por ser mulher e por não ser polícia.

Ao interferir numa briga em que um indivíduo agredia outro, segundo o relato da GM em função do fato do agredido ser homossexual, o agressor assim se comportou:

GM - Daí ele falou pra mim que ele tava (?), pra mim cuidar da minha vida, porque eu era uma guardinha de merda e que eu não era polícia.....

GM – (...) Daí eu falei pra ele “você ta me desacatando, você ta preso.” “Que preso o que? Você vai cuidar da tua vida, vai cuidar de creche. Vai cuidar de escola”. Então eu falei pra ele, daí eu peguei e falei “eu vou chamar a viatura da Guarda”. Aí ele falou “que viatura, não tenho medo de vocês. Não tenho medo nem de polícia. Eu sou muito homem pra isso. Pode chamar”. (GN1-2)

Como veremos a relação de comparação e as maiores complicações se dão com a Polícia Militar e em proporção muito menor que com a Polícia Civil. Os GMs atribuem isto, dentre outras coisas, ao fato de que a relação com a Polícia Civil, de maneira geral, se dá fora das ruas e da “ocorrência” em andamento,

GM – É, eu...a nossa relação...é... eu quando entrei na guarda, o nosso diretor era um... também foi da Polícia Civil, né, também nos ajudou muito, nosso primeiro

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 5, ed. 12, abr./jul. 2011

diretor. Nós tivemos outros diretores que foram da Polícia Civil, depois começou a entrar o pessoal da Polícia Militar, coronéis. Mas a gente sempre teve uma relação melhor com a Polícia Civil do que com a Polícia Militar. Até porque eu acho que.... você tem menos contato. A Polícia Civil você chega, faz a entrega na delegacia e vai embora. A Polícia Militar você já dá de encontro com eles na rua. Então, já... você já pega a situação acontecendo. A Polícia Civil, o relacionamento sempre foi melhor.... com a Polícia Civil do que com a Polícia Militar. GM – Até mesmo em...em situações de rua mesmo, né. Eles preferem acionar nós do que a própria Polícia Militar, porque eles....mesmo eles têm esse....esse conflito, né.

Na relação entre as polícias, os GMs acreditam que são preferidos pela população e que o atendimento deles é melhor que o das outras policias porque eles dispensam maior atenção à população que atendem,

GM – O que a gente sente quando a gente trata com as pessoas é que parece...elas se sentem mais seguras falando com a gente do que com PM, ou com policial civil.

GM – O problema é a questão da atenção que a gente dispensa (...). (GN1-1)

Além do fato, já destacado, e que é recorrente no discurso dos GMs, de que:

GM - É que a Guarda Municipal, ela traz essa sensação de segurança para a população porque ela não tem esse caráter truculento que a PM traz.....essa sensação pra população de que a PM é muita mais truculenta. (GN1-1).

Assim como faria, a GM, um atendimento mais rápido que o da Polícia

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

Militar, o que seria constatado pela população como no caso que relataremos a seguir e que ocorreu durante uma reunião do Conselho Municipal de Segurança de um bairro de Curitiba,

GM – Inclusive, né, nas reuniões de conselho de segurança, que tem lá, né....conselho de seguranças....é....Uberaba faz parte lá, tem....é....

GM (interrompendo) – No Guabirota....

GM (continuando) – ...é, no Guabirota, no Jardim das Américas. Então, é....a guarda lá é membro nato do conselho de segurança. Então, nossa chefia lá, né, sempre ta indo nas reuniões. Eu já acompanhei reunião lá, e o....o cidadão que ta ali, né, porque o conselho de segurança vai nas casas, vai, né, é chamado pra reunião, e tal, pra....de repente, pra....porque lá vai ta o delegado de polícia....é....ali, o titular da, né, do distrito ali, da área. É....vai ta um comandante da Polícia Militar, da área, né. Vai ta a guarda. Então, eles, o pessoal assim, eles chamam pra ir lá e indicar, e dizer os problemas e tal. E aconteceu, então, acho que foi com você, né, de elogiarem ali, em frente a Polícia Militar, em frente a Polícia Civil, “olha, o negocio é o seguinte: eu chamei a Polícia Militar, não veio. A guarda, cinco minutos, tinha quatro viatura me atendendo”, né. Então, a população ali no conselho de segurança, passando pros demais órgãos de segurança, que a guarda tem trabalhado mais que eles, que tem né.

Os GMs são, de forma mais frequente, “preparados” e formados pela Polícia Militar mais do que pela Polícia Civil, muito certamente porque a atividade deles, como eles próprios indicam, é, assim como a da Polícia Militar, de atividade ostensiva. O que também é o elemento que

deflagra a disputa entre as duas corporações. Quando indagados sobre se há diferença na formação para além do item acima na formação dada pela Polícia Civil e pela Polícia Militar, oscilam entre dizer jocosamente que a única mudança “(...) é só [n]o ambiente.(...) Única coisa que muda é que pra você almoçar na..no Guatupê lá você tem que entrar em formação. (...) Segue o regime militar deles. (...)Vai marchando pra almoçar, volta marchando (risos). (GN1-3). Até uma análise mais completa na qual revelam o incômodo com as separações típicas de ambientes militarizados, com subalternos de um lado e oficiais de outro,

GM – Acho que tem a diferença que a, que nem ele tava falando, a Polícia Civil, eles é...as pessoas que dão aula lá pra nós lá na Polícia Civil, a maior parte dos delegados lá mesmo são instrutores da Polícia Civil, é...por eles, por eles é....gostarem da Guarda, porque eles têm assim, adoração, eles gostam da Guarda. Então eles preferem, não sei se por causa da briga entre eles, que tem essa rixa entre Civil e Militar, então é, no caso, quando cê vai pra academia Guatupê, eles olham pra você assim (pausa na fala, faz algum gesto físico). E quando você vai pra academia, da própria Polícia Civil eles fazem (? – voz muito baixa). Então o tratamento é diferenciado, o delegado, a pessoa que dá aula na Polícia Civil, ele trata você bem, ele chama você pra tomar café “vem aqui ó, vamo conversar, o dia que você quiser vim aqui, pode vim, ta liberado”.

GM – Pra você ter uma idéia, no refeitório, lá no Guatupê, é assim, o oficial senta lá e (?) pra cá. Lá na Polícia Civil não.... (GN1-3).

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

Em relação ao Comando um grupo expressou que:

GM (F) – A gente preferia que fosse um delegado da Polícia Civil, um delegado de carreira. Que quando a Guarda começou, era um delegado da Polícia Civil. A gente..... tinha mais apoio, a gente era mais amparado. Eu entrei na Guarda há 16 anos, quando eu entrei era um delegado. (GN1-2).

Ainda segundo o depoimento de outra GM que viveu a experiência da passagem de um diretor da Polícia Civil para um Coronel da PM, afirma que foi uma passagem difícil,

GM – Foi, uma época foi. Hm hum. Na época..... que quando na Guarda, no início, só tinha..... nosso diretor sempre era delegado. Depois quando o prefeito Rafael Greca assumiu, mudou, foi um policial..... um coronel. A gente sofreu bastante com ele. Sofreu muito, muito com ele. Que ele tinha uma visão totalmente assim..... ele era um coronel, daqueles coronéis mesmo antigos, não tinha nem formação, ele era assim, coronel por tempo de serviço. Então ele não tinha uma formação, ele não tinha um lado intelectual assim sabe, ele não tinha uma visão, sabe, intelectual da coisa. Ele era ditador. (?) ditador tanto com a gente, né..... e daí a gente sofreu muito com ele. E junto com ele veio outros militares. Daí ficou ali, ele secretário, e junto com ele outros..... né, cargos ali, assessores tal, todos militares. Então a gente sofreu muito nessa época né, porque daí eles faziam..... agiam assim como eles queriam. Não agiam dentro da lei. E..... depois disso, depois disso é..... mudou né, agora nós temos um secretário, um secretário também que é..... ele é militar, mas tem experiência, mas só que é uma pessoa preparada. Sabe? (GF2).

Enquanto em outro grupo focal uma GM manifestou-se da seguinte forma:

E – E pra vocês, o secretário que tem uma formação diferente, assim, ou seja, é....advogado, delegado, policial militar, interfere na.... na relação com vocês? (...)

GM – Olha, como eu já fui....já tive, vários diretores e secretários, né. Já passei por vários. A guarda cresceu, uma certa época, em dois meses com um....um....diretor funcionário de (?) da prefeitura, era um advogado. Ela cresceu em dois meses o que ela não cresceu em vinte anos, entende. (...) (GN1-3)

O argumento da GM, que ao que tudo indica parece ser procedente, é que o determinante é a política estabelecida pela administração municipal, ou seja, dependeria da administração municipal o que acontecerá com a GM muito mais que deste ou daquele secretário ou diretor da GM: “Então, eu acho que.... eu não sei, fica essa questão. É a critério da administração pública, entende. Quem que....é....(?)....é a teu favor, eu vou te dar aquilo que você quer, né (GN1-3).

Houve, porém, a indicação de forma mais precisa que na verdade se trataria do apoio do Secretário fortalecido pelo Prefeito, o que nos parece correto, o elemento decisivo no desempenho da GM “(..) nós hoje temos o apoio do secretário né, ele é a nosso favor e o prefeito que, dá o apoio pra Guarda Municipal” (GN1-2).

Diferentemente de “períodos anteriores que

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

nós tínhamos um secretário, ou um diretor, que pra eles tanto fazia a Guarda Municipal. E o prefeito não conhecia nem o trabalho, não sabia que existia Guarda Municipal” (GN1-2).

Todavia outros GMs assinalam dois pontos que gostaríamos de salientar, o primeiro diz respeito ao fato de que ter um Coronel PM como diretor ou Secretário acabaria por um meio ou outro militarizando a GM. Em dos depoimentos um GM explica que “alguns outros coronéis que passaram pela secretaria, pelo departamento, usavam muito a...o... as patentes, né. Entende? Jogando as patentes. Como a gente pode dizer bem.... jogavam a patente, entendeu? ‘Eu sou Coronel e você tem que me obedecer’ (GN1-4). Todavia relata este mesmo GM que outros Coronéis “também, já diziam ‘peraí, eu entrei numa instituição civil. Eu não posso exercer meu cargo de Coronel porque eu tô numa instituição civil” (GN1-4). Que é o que se daria com o atual secretário “o Coronel que esta aí, eu posso dizer que não.... não usa o poder militar que ele tem, entende? Eu posso dizer, assim, particularmente falando. Que eu não vi nada de.... de autoritarismo, né, dentro do departamento.” (GN1-4).

Em segundo lugar, o problema na interpretação dos GMs seria maior e

ultrapassaria posturas pessoais em função do corporativismo da Polícia Militar. Há um receio por parte dos GMs que a Polícia Militar “não vai deixar a guarda crescer. (...) (vários concordam, falando junto). (...) vai amarrar a guarda” porque a Polícia Militar “tem medo que a guarda cresça demais e ofusque o serviço da PM...” (GN1-3).

Mesmo que tenha um Secretário comprometido com a GM, como indicam que o atual seja “se dentro do comando da PM existe uma reclamação, uma exigência, eles ligam pro secretário: ‘sou militar’. Nele vai bater o corporativismo dele, e ele vai agir como militar. E isso que acontece com a gente.” (GN1-3).

Mas voltemos a questão da polícia que os GMs pretendem ser, as características da polícia do futuro. Ela começa a diferir da Polícia Militar onde há “aquele velho e bobo militarismo” (GN1-1), ela não teria “esse caráter truculento que a PM traz” (GN1-1). Seria uma segurança pública “só que sem militarismo” (GN1-2).

GM – Ah, eu acredito que entre a Guarda e a Polícia Militar....acho que uma grande diferença é aquela coisa que....pela própria instituição, já consta como polícia pra eles. Eu acho que o tratamento que é dado por eles é mais repressivo. A gente já desde o início, nos nossos primórdios, vamos dizer assim....a gente tem mais essa questão de ficar mais junto com a população, ta conversando. Então a gente tem um laço

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

maior com as pessoas do que a própria polícia, a polícia tá tentando resgatar isso que ela perdeu. Porque até em virtude da....todo esse período que o Brasil viveu e tudo mais....então acho que criou uma distância, criou uma barreira. E eu acho que quando a guarda entrou, nós já entramos de uma maneira assim mais leve nessa questão da segurança, e mais próximo das pessoas, né.

GM – E o militarismo em si não faz falta pra nós, mas a hierarquia e a disciplina isso a gente preza muito. E é muito importante pra Guarda. (GN2)

Outra grande diferença entre as polícias atuais e a polícia do futuro ou a GM do futuro seria derivada da sua condição de proximidade da população o que criaria condições para a implantação efetiva, se é que ele já não exista, do policiamento comunitário,

GM – É, na verdade nós realizamos o policiamento comunitário, que é tanto dito por ai. Tanto divulgado por aí. Quem realiza mesmo esse policiamento comunitário somos nós. Nós que temos esse contato com a população, de todos níveis né, desde lá da periferia, eu que trabalho lá na Regional Pinheirinho, desde lá da favela do Terra Santa, até aqui com o pessoal da Matriz. (GN1-2)

GM – Então, por exemplo, lá, o guarda da escola. O guarda da escola, realmente ele é um guarda comunitário. Toda aquela comunidade ali em volta conhece, digamos lá no (?) da vila, o guarda da escola. Então é ele quem vai atravessar as crianças na hora do trânsito, é ele que fica ali na escola né. Então eles têm essa figura do guarda municipal, o guarda realmente comunitário, pra atender aquelas necessidades ali. Hoje né, já tá acontecendo de boa parte dessa população ir até a escola solicitar alguns atendimentos, em função do guarda que tá lá. (GN1-3)

GM – Fui policial militar. Até o fato da.... ou a própria.... o próprio passado, né, vamos dizer assim, da Polícia Militar.... ah.... as repressões....ah.... a forma como eu, eu como cidadão prefiro enxergar, por exemplo: um guarda municipal ele tá fardado, ele tá armado, mas você vê no guarda aquela diferença de um policial militar, todo truculento, todo, né. Tanto que, hoje, a Polícia Militar tem se voltado bastante às ações comunitárias mesmo, né. Porque eles tão vendo que não adianta, aquela repressão que existia na época não, não leva a nada mesmo, né.

E – É, é uma proposta, né.

GM – É, eles tavam partindo pra esse lado. Também.... quando a gente.... um.... uma escola antes da minha, na Polícia Militar, não existia uma.... uma atividade chamada polícia comunitária. Hoje tá sendo implantada nas escolas da Polícia Militar. Policiamento comunitário. Trabalhar pra comunidade. (GN1-4)

GM – O que nós já fazemos. Um policiamento preventivo, ostensivo. Mais voltado aí pro policiamento mais comunitário, não tão repressivo.... como é o da Polícia Militar, que hoje em dia tá ultrapassado, mas que existe, e eu acho que enquanto existir Polícia Militar vai ser assim. Mas basicamente é o nosso serviço, é defesa social com serviço policial também. (GN2).

A implantação de um policiamento comunitário, por sua vez, somente seria possível porque a relação entre a GM e população seria fundada no respeito à lei e não no medo como aconteceria em relação à Polícia Militar,

GM – O ideal da Guarda Municipal é tentar ter o respeito da população, mas esse respeito porque nos somos a lei e não o

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

respeito que a polícia militar tem, por que tem medo da polícia militar.

GM – O nosso respeito, a gente quer ter o respeito, mas não medo.

GM – Sempre por cumprir a lei e não por impor a lei. (GN1-1)

A polícia do futuro também seria municipalizada,

GM – Hoje no Brasil para você ter uma idéia. A saúde foi.....

GM – municipalizada

GM – municipalizada. A educação, né, a básica, foi municipalizada. Eu acredito que a segurança, daqui há uns dias, vai acontecer isso. Até porque, constitucionalmente, a função da polícia civil que que é: polícia judiciária. A função da PM, o que que é? É o que a civil faz hoje: inteligência. Daí vai sobrar o que? O....

GM – Ostensivo..

GM – O policiamento ostensivo pra quem? Pras guardas municipais. Então a gente teria que...daí é lógico, um negócio mais, de reaver o posicionamento de cada estrutura.

(...) (GN1-3).

GM - Por isso que eu acredito, né, por isso que eu acredito que a Guarda Municipal é uma polícia de futuro. É uma polícia de futuro. E vai ser....e o futuro da....da segurança pública é a municipalização com as Guardas Municipais. (GN1-4)

A GM é em função dos esgotamentos dos outros modelos de polícia, uma polícia de futuro, mas também uma polícia do futuro, como o GM explica:

GM – Pra mim, pra o.... a Guarda Municipal, além do....alem do que ela exerce para a comunidade, né, para as pessoas da cidade, é um reforço a mais na segurança pública. E.... eu acredito nisso, né. Eu acredito que a Guarda é uma polícia do futuro, uma polícia extremamente

voltada para os problemas da cidade, né. Sem essa.... essa.... a coisa da repressão, da....da....né.... da população, em si, ajudar, né, ajudar a população carente. E também as pessoas mais de poder aquisitivo maior, também, intelectualmente também, mais evoluído. Assim, é isso, uma posição de auxílio pra comunidade. E pra segurança pública.

GM – Eu acho que....é....a idéia do futuro, é o seguinte: é uma polícia voltada, extremamente, pras pessoas sociais, certo, não.... é.... já fugindo desse lado de repressão, certo, que o mundo....né.... século vinte e um, né....é a evolução total, né. Então, é.... fugir desse lado de repressão, de....de década de setenta, né. Pra mim é isso, o contato com a comunidade, as pessoas sociais, né.

GM - A Guarda Municipal pra mim, hoje, é o principal elo de ligação. Futuro é o que o (nome próprio) colocou bem aí, polícia do futuro mesmo. Vai ser a.... eu acredito, né, tanto que foi com esse ideal que eu entrei, como a menina dos olhos, vamos dizer assim, da segurança pública. (GN1-4).

A GM de Curitiba parece marcada por fortes ambiguidades quanto ao seu papel que como vimos pareceria ser resolvido com a transformação daquela “guarda” em uma corporação com o poder da polícia pela transformação em uma instituição policial de direito o que ajudaria a resolver o que, segundo aqueles GMs, os fatos já denotam, a saber, que já seriam polícias.

Com relação ao discurso da municipalização da segurança pública no Brasil, verifica-se que a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) está dando, a cada ano, maior importância às ações que proporcionem o desenvolvimento das

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

Guardas Municipais e fica evidente que, em breve, essas instituições estarão cada vez mais atuando como uma instituição policial à revelia das leis, porém, alguns oficiais de polícia militar acreditam que esta seria uma estratégia de fixação da ideia de uma instituição policial municipal, expansão de seus quadros funcionais e de recursos materiais, sendo que após essa espécie de “institucionalização” das Guardas Municipais como polícias, ficaria mais fácil de uma adaptação das Leis.

Essa situação é verificada quando da apresentação de projetos ao Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), que prevê a possibilidades de criação e estruturação de guardas municipais nos municípios interessados.

ABSTRACT

This research report seeks to understand the perception of the officials of the Municipal Guard of Curitiba regarding the changes that are occurring in the field of public security in Brazil. With the growing number of institutions known as Municipal Guards in Brazil and its use as a "police force" in the repression of crime and violence, especially in the everyday life of big cities combined with a lack of legislation at the constitutional level to establish the boundaries of performance, creating a sort of "shadow" law and that it still clearly the real function of the municipal guards.

Key-words: Municipal Guard; Curitiba; Municipal Guard Agent; Public Safety; Police.

¹ Baseado nos resultados da pesquisa financiada pela FINEP, intitulada **DIAGNÓSTICO DAS MUDANÇAS EM CURSO NAS GUARDAS MUNICIPAIS NO BRASIL**

² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do CESPDPH – UFPR. Endereço eletrônico: pedrobode@terra.com.br.

³ Licenciado em Geografia (UFPR), Bacharel em Ciência Política (FACINTER), Especialista em Sociologia Política (UFPR) e Saúde Pública (IBPEX), Mestre em Geografia (UFPR), atua como pesquisador voluntário no Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná. Soldado da Polícia Militar do Paraná e Analista Criminal da Coordenadoria de Análise e Planejamento Estratégico da Secretaria de Estado da Segurança Pública do Paraná, desde 2005. Endereço eletrônico: marcelobordin05@yahoo.com.br.

⁴ Este nível demonstrou um grande insatisfação quanto a mobilidade deles para o Nível 3, reclamaram de estagnação na posição e fizeram uma comparação muito explicativa para falar das dificuldades para passar de um nível para o outro: “*se nós fossemos militares, (?) na Guarda ia ser....ia ter soldado, cabo e general. Nós no caso somos cabo, chegar à general....*” (GN2)

⁵ No decorrer da pesquisa nenhum dos GMs do Nível 1 se dispôs a fazer parte de um grupo focal. Tudo indica que pelo fato de nesse nível concentrarem-se as maiores tensões e manifestação de maior intensidade de divisões e compromissos políticos.

⁶ Não o caso nem o momento de desenvolver este tema, mas é necessário salientar que os movimentos sociais organizados principalmente aqueles envolvidos na conquista de moradia tem, sistematicamente, denunciado a truculência da GM principalmente na desocupação de áreas por determinação judicial.

⁷ Instituto de Ação Social e Previdência, vinculada a Secretaria e era responsável pelos problemas com a população infanto-juvenil. Recentemente foi criada a Secretaria da Criança e do Adolescente que assumiu absorveu as funções do IASP.

⁸ Garrafas de refrigerante (pets), comumente de dois litros, misturado a alguma bebida alcoólica.

⁹ Na citação em questão o GM sinaliza que há uma contradição no slogan uma vez que vida do GM não é valorizada como devia.

GUARDA MUNICIPAL DE CURITIBA: PERCEPÇÕES DE SEUS AGENTES SOBRE AS MUDANÇAS EM CURSO

¹⁰ Companhia de Habitação vinculada a Prefeitura Municipal de Curitiba.